

Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos:

marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga

Cartography of life-and-death in pandemic territories: wound-marks, necro-bio-politics and lines of escape



RESUMO

Em territórios pandêmicos, os limites entre vida e morte tornam-se mais tênues. A pandemia de COVID-19 deixa milhões de mortos no mundo e, dentre eles, o pai do primeiro autor, gerando marcas-ferida que moveram a escrita deste texto. A partir das marcas, utilizamos a cartografia para percorrer os territórios de vida e morte em contextos pandêmicos, dialogando com autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Michel Foucault e Achille Mbembe. Primeiramente, movidos pelas marcas e marcas-feridas, pensamos nos acontecimentos, na morte e nos lutos. A seguir, aprofundamos a análise dos territórios pandêmicos, ao observar as tramas de controle da vida e da morte, apoiados nos conceitos de biopolítica, necropolítica e necrobiopolítica. Na parte final, refletimos sobre as linhas de fuga que permitam escapar da dureza destes tempos: escapar rizomando como formas de existência, resistência e re-existências.

Palavras-chave: COVID-19 - Filosofia da diferença – Luto – Pandemia - Vida.

ABSTRACT

In pandemic territories, the limits of life and death become more tenuous. The pandemic of COVID-19 leaves millions of deaths in the world and, between them, left the father of the first author, generating wound-marks that moved the writing of this text. From the marks, we use cartography to go through the territories of life and death in pandemic contexts, dialoguing with authors like Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Michel Foucault and Achille Mbembe. Firstly, moved by the marks and wound-marks, we thought in events, in death and mourning. After that, we go deeper in the analysis of pandemic territories while watching life and death control wefts, supported in concepts of biopolitics, necropolitics and necrobiopolitics. In the end, we thought in escaping lines that allow the escape of the harshness of this time: escape in rhizomes as forms of existence, resistance and re-existence.

Keywords: COVID-19 - Difference philosophy – Mourning – Pandemic - Life.

* Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. CV: <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>

** Professora no Instituto de Biologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. CV: <http://lattes.cnpq.br/8255914355924420>



Somos todos imortais. Teoricamente imortais, claro. Hipocritamente imortais. Porque nunca consideramos a morte como uma possibilidade cotidiana, feito perder a hora no trabalho ou cortar-se fazendo a barba, por exemplo. Na nossa cabeça, a morte não acontece como pode acontecer de eu discar um número telefônico e, ao invés de alguém atender, dar sinal de ocupado. A morte, fantasticamente, deveria ser precedida de certo “clima”, certa “preparação”. Certa “grandeza”. (Abreu, 2014, p. 26)

Em memória de Wisley Falco Sales e de todas as pessoas que morreram pela COVID-19.

E escrever esse texto é mexer em uma ferida aberta. É falar sobre uma marca¹ que pulsa e causa dor, na medida em que também causa movimento e potência - “potência-de-quê?” É a pergunta que grita. Movimento em sensações de tristeza, raiva, medo e pensamento constante em torno do que pode uma vida e, também, uma morte. Movimentos de um luto político – e qual luto não seria político? São reflexões sobre pandemias e corpos e vidas e mortes. Cartografias por entre vírus, políticas virais, atravessando desinformações, estigmas e preconceitos, como também o medo constante da morte, do fim da vida, em territórios ainda não controláveis pelas ciências médicas. Territórios médicos, sociais, políticos, econômicos, afetivos. Territórios de vida e morte, de disputa em campos desconhecidos e incertos.

Este é um trabalho sobre morte e também sobre vida: a morte-na-pandemia e a vida-na-pandemia. É um trabalho sobre luto, produzido a partir da experiência-do-luto e de suas potências, em meio a momentos de incerteza, imerso à espera e, também, na construção de futuros desconhecidos. É um texto escrito por intermédio de marcas ou, como afirma Suely Rolnik, um escrito pelas marcas²:

Escrever para mim é na maioria das vezes conduzido e exigido pelas marcas: dá para dizer que são as marcas que escrevem. Aliás só sai um texto com algum interesse quando é assim. Aí escrever traz notícias das marcas e tem o poder de ampliar minha escuta a suas reverberações: é como um escafandro que possibilita mergulhar no estranhamento com mais coragem e rigor. [...] Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo (Rolnik, 1993b, p. 246).

O percurso escolhido para desenhar essas linhas foi a cartografia, permitindo traçar as forças, intensidades, tensões e potências que permeiam estes territórios pandêmicos. Sobre a cartografia, Rolnik considera que:

¹ Sobre as marcas, segundo Rolnik (1993b, p. 242), são “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir”.

² Outro trabalho que citamos sobre cartografias e marcas é “Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios” (Sales, 2020).



Para os geógrafos, a cartografia - diferente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros mundos: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (Rolnik, 2011, p. 23).

Cartografar é desmanchar certos mundos e criar outros. Cartografia é criação-do-outro: outras formas de existência. Pesquisar-cartograficamente é envolver-se profundamente com o que se observa-sente-vive-pesquisa, em movimentos e velocidades variados. Cartografar é devorar e ser devorado. Rolnik assegura que:

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (Rolnik, 2011, p. 23).

A marca disparadora para esta cartografia e escrita deste texto é a morte do pai do primeiro autor, Wisley Falco Sales, que ocorreu a partir da infecção do coronavírus Sars-Cov-2, acarretando a doença COVID-19³, que atualmente espalha-se rapidamente pelo mundo, ocasionando a milhares de pessoas a morte, diariamente⁴. Wisley tinha 55 anos quando foi acometido pelo vírus e, cerca de dez dias depois, veio a óbito. Começamos a traçar essas linhas uma semana depois deste acontecimento e, assim, continuamos nas semanas seguintes, em processos de desintoxicação e reflexão, inflexão, dobras e meditações (in)constantes a partir dos encontros - com leituras e pessoas e telas e sensações e... -, aprofundando na náusea para vomitar esse enjôo, como diria Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa no Livro do Desassossego (2019, p. 48), expurgando esse veneno à procura de recuperar potências. Sobre o processo de escrita em relação às "marcas-ferida", de acordo com Rolnik:

*Eu dizia que escrevo por necessidade. Considero que a escrita "trata".
Me explico: além do trivial caseiro do desassossego que a move e a faz*

³ O cientista Arthur Gruber, professor do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, afirma no Jornal da USP que o coronavírus é um "vírus da família Coronaviridae" que "causa uma variedade de doenças no homem e nos animais, especialmente no trato respiratório". Segundo o autor, o "primeiro caso oficial de COVID-19 (coronavirus disease 2019) foi de um paciente hospitalizado no dia 12 de dezembro de 2019 em Wuhan, China, mas estudos retrospectivos detectaram um caso clínico com sintomas da doença em 01/12/19" GRUBER, Arthur. COVID-19: O que se sabe sobre a origem da doença. Jornal da USP, São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

⁴ Segundo informações divulgadas na página oficial da Organização Mundial da Saúde, até o vinte e um de setembro de 2020 existiam 30.949.804 casos confirmados de COVID-19, sendo 272.585 nas 24 horas anteriores, e 959.116 mortes, sendo 4.698 nas 24 horas anteriores. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19): Situation reports. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>. Acesso em 21 nov. 2020.

criar um mundo onde encontramos um novo equilíbrio, a escrita tem um poder de tratamento em relação àquilo que chamo de "marcas-ferida". Refiro-me a marcas de experiências que produzem em nós um estado de enfraquecimento de nossa potência de agir que ultrapassa um certo limiar, uma espécie de intoxicação. Uma marca deste tipo permanece portadora de um veneno que pode a qualquer momento vir a se espalhar e contaminar tudo. Ora a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência (Rolnik, 1993b, p. 247).

A morte de um pai é um acontecimento que muda uma vida: perde-se uma referência paterna, espaço genético-familiar-cultural de geração de mundos que somos nós. Enterrar um pai sem poder velar seu corpo, sem abraços, num clima frio-hospitalar-hostil de uma pandemia é um acontecimento-trauma ou uma marca-ferida – termos que pensamos, inspirados em Rolnik (1993b) –, experiências que de tão fortes são mais que marcas, geram feridas na vida de quem é afetado. Feridas que só o tempo mostrará como caminharão, feridas que não serão curadas porque tatuadas, bordadas na pele, marcam os corpos-vivos por elas tocados.

Acontecimento no sentido deleuziano, causador de desestabilizações de mundos: pense uma pessoa nos seus vinte e quatro anos enterrar seu pai sem poder se despedir nem ao menos reconhecer o corpo já sem vida. Enterrar o familiar dentro de duas camadas plásticas rigidamente fechadas e um caixão lacrado, sem velório e poucas horas após o óbito.

Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante (Deleuze; Guattari, 1997, p. 101).

Como uma criança perdida no caos, (re)aprender a andar no escuro: escuro do luto, da morte, da pandemia, da ausência de respostas definitivas, do não-retorno, do medo, da insegurança, do caos e caos e mais caos. Cantarolar? "Mar, amar. Pra saber da árvore com galhos pra quebrar em secas folhas ao chão, secos e duros gravetos... em lenha pro fogo que cozinha esses anos todos a grande panela do mundo..."⁵ sorrir e cantar, cantar e chorar, por entre lenhas e fogos que cozinham a grande panela do mundo que nos cerca, repleta de incertezas, cozinhando tudo e todos. Cantar?

Escrever. Aventurar-se no caos, na dor, na ferida, no desconhecido. Pensar no caos e com o caos, (des)entender o caos e, em até certos pontos, ser o caos: acolhê-lo, criar um círculo no entorno de nós e buscar saídas na criação de outros caos, em novos mundos. Improvisar: "Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do

⁵ SORRIR e cantar como Bahia. Compositores: Luiz Galvão e Moraes Moreira. In: NOVOS Baianos F. C. *Intérprete: Novos Baianos*. São Paulo: Continental, 1973. 1 LP, faixa 1.

Mundo, ou confundir-se com ele” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 101-102). Improviso no caos, espaço de potências. Caos este que é espaço para demarcação de territórios, processos de territorialização em movimento. Caos: terreno fértil para acontecimentos.

Gilles Deleuze em diálogos com Claire Parnet, falando sobre os estoicos, define o acontecimento:

O acontecimento é sempre produzido por corpos que se entrecocam, se cortam ou se penetram, a carne e a espada; mas tal efeito não é da ordem dos corpos, batalha impassível, incorporal, impenetrável, que domina sua própria realização e domina sua efetuação. Sempre se perguntaram: onde é a batalha? Onde está o acontecimento, em que consiste um acontecimento: todos colocam essa questão correndo: “onde é a tomada da Bastilha?”, todo acontecimento é uma névoa. Se os infinitivos “morrer”, “amar”, “mover”, “sorrir” etc., são acontecimentos, é porque há neles uma parte que sua realização não basta para realizar, um devir em si mesmo que está sempre, a um só tempo, nos esperando e nos precedendo como uma terceira pessoa do infinitivo, uma quarta pessoa do singular. Sim, o morrer engendra-se em nossos corpos, produz-se em nossos corpos, mas chega de Fora, singularmente incorporal, e fundindo-se sobre nós como a batalha que sobrevoa os combatentes, e como o pássaro que sobrevoa a batalha (Deleuze; Parnet, 1998, p. 53).

O acontecimento, segundo Deleuze, “é uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos, e que estabelece ligações, relações entre eles, através das épocas, dos sexos, dos reinos – naturezas diferentes” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 56). A pandemia é repleta de acontecimentos que permeiam vidas e mortes.

A morte-biológica marca o fim de uma vida. “A morte pode ser assimilada a um estado de coisas cientificamente determinável, como função de variáveis independentes, ou mesmo como função do estado vivido, mas aparece também como um acontecimento puro, cujas variações são coextensivas à vida” (Deleuze; Guattari, 1991, p. 207). Esta morte-biológica atravessa outros territórios da vida, sendo também antropológica, afetiva, sociológica, histórica, política: ela é um acontecimento.

Morte-acontecimento: acontecimento tanto para quem morre quanto para as pessoas conectadas a quem morreu. Para quem morre, num instante tudo se transforma: a vida biológica finda e vai em direção a sabe-se-lá-o-que... Para quem fica, finda a vida biológica de quem se foi e vai em direção a sabe-se-lá-o-que também, agora em uma vida outra, sem a presença física de quem morreu. Como névoa que encobre o que se conhecia, multiplicidade pulsante, o acontecimento da morte desestabiliza muitas linhas que sustentavam mundos dos sujeitos envolvidos e, a partir de então, só resta caminhar: caminhar em direção ao quê? Caminhar em

uma fita de Moebius⁶: dentro e fora se misturam e os trajetos são construídos no caminho, nos percursos, pelos passos, escolhas, acontecimentos. Caminhos incertos e novos, nos quais somos caminhantes. Caminhar pelo avesso? Talvez seja necessário, sem saber o que será encontrado. Mudando de sentido, ficando sem sentido, encontrando caminhos no caminhar.

O luto é um processo experienciado ao viver um acontecimento que marca o fim do que apresenta grande importância em uma vida. Esse luto processa o caminhar e a vivência do novo mundo que se instaura: um mundo sem um ente amado, sem o que trazia movimento e potência. Assim, o luto é um caminho em direção a outra vida, com outros caminhos e caminhos: caminhos e caminhos por entre incertezas e mundos desconhecidos, caminhadas-acontecimentos. Pegadas sumindo na areia. Pegada se desmanchando no chão pelo vento, criando caos-passagem para outros mundos, outros territórios. Pensar em passagens outras e, em um devir-ave, passar: "Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!" (Pessoa, 2013, p. 67).⁷

Nestes tempos de pandemia de COVID-19, as passagens são outras e os processos de luto outros: não se pode velar os corpos e os contatos físicos entre os vivos também são proibidos, no medo iminente de se infectar ou infectar outras pessoas. A causa mortis da perda da vida que se foi devido à pandemia continua rondando os que permanecem vivos: um vírus que diariamente infecta e mata um grande número de pessoas. Marca, marca, marca... Marcas, feridas abertas, cicatrizes que nunca se fecharão, que não desaparecerão, em meio a incertezas. Assim, é um luto-outro repleto de marcas, por ser novo e desconhecido ao que se vivenciava majoritariamente nos anos dois mil brasileiros, sendo um luto infectado por estigmas e contagiado pela indústria médica, roubando o direito aos corpos na tentativa de proteção ao outro - tentativa quase hipócrita em um país que abre shoppings centers⁸ em meio a milhares de mortes diárias.

Um país que perde centenas de milhares de pessoas⁹ por uma doença infectocontagiosa

⁶ Rolnik (2018) analisa a criação Caminhando de Lygia Clark e define a fita de Moebius como "uma superfície topológica na qual o extremo de um dos lados continua no avesso do outro, o que os torna indiscerníveis e a superfície, uniface" (Rolnik, 2018, p. 41). A autora continua pensando acerca do trabalho de Lygia, trazendo que "à medida que a investigação avança, Clark vai se dando conta de uma experiência ímpar que ocorre no instante mesmo do ato de cortar. Aos poucos a artista decifra o que essa experiência lhe revela: a obra propriamente dita se plasma nessa ação e na experiência que promove, e não no objeto que dela resultaria. Tal experiência consiste na abertura de uma outra maneira de ver e sentir o tempo e o espaço: segundo ela, um tempo sem antes e nem depois, um espaço sem frente e verso, dentro e fora, em cima e embaixo, esquerda e direita. E mais, um devir da forma da tira de papel, que acontece a cada volta do recorte em sua superfície, traz a experiência de um tempo imanente ao ato de cortar. Essa outra maneira de ver e de sentir lhe dá, portanto, acesso à experiência de um espaço que não procede o ato, mas dele decorre e que, sendo assim, tampouco pode ser dissociado do tempo. Em síntese: vivido dessa perspectiva, o espaço surgiria dos devires das formas que não vão sendo criadas na superfície topológica da tira, produções das ações de cortá-la" (Rolnik, 2018, p. 41-42).

⁷ Poema de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

⁸ ALVES, Raoni. Dez dias depois de registrar o recorde de mortes em 24h, Rio tem 1º sábado com shoppings abertos. G1 Rio, on-line, 13 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/13/dez-dias-depois-de-registrar-o-recorde-de-mortes-em-24h-rio-tem-1o-sabado-com-shoppings-abertos.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2020. Neste mesmo dia, o país registrava mais de 36 mil mortes causadas pela COVID-19, segundo o mesmo site G1. Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 6 de junho. G1.globo, on-line, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/06/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-6-de-junho.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2020.

⁹ Na medida em que este texto foi escrito e revisado, o número de mortes em decorrência da COVID-19 no Brasil e no mundo crescia rapidamente. Até a noite de 19 de maio de 2021 foram registradas no Brasil 441.691 mortes em decorrência da pandemia e mais de quinze milhões e oitocentas mil pessoas infectadas pelo vírus, segundo o site oficial de informações relacionadas a epidemiologia da COVID-19 do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://susanalitico.saude.gov.br/#/dashboard/>. Acesso em: 19 mai. 2021. Diariamente, estes números se alteram e aumentam em grande velocidade.



que poderia ser controlada - caso houvesse um isolamento rígido e efetivo - não vive nada menos que um grande luto coletivo. Mas, como entender shoppings centers funcionando em normalidade distópica e a reabertura de bares, restaurantes e salões de beleza na maior cidade do país¹⁰, no dia em que se completa a triste marca de sessenta e cinco mil mortes em decorrência da pandemia?

Territórios pandêmicos, luto e necro-bio-políticas

Vivemos um luto pela biopolítica¹¹, que faz viver alguns e deixa morrer tantos outros¹². Luto por entre negligências, “e daí” e insensibilidades. Luto permeado por egoísmos e falta de sensibilidade em relação à vida e morte do outro. Luto coletivo e extremamente solitário, construído na ausência de abraços físicos e limitados encontros presenciais, se tornando outro luto ou melhor, luto-do-outro: sempre é o outro o infectado pelo vírus, o morto por ser idoso, “doente crônico”, ou seja lá qual for a justificativa buscada para sua morte.

Pensar na vida e na morte é pensar em processos que de naturais não têm nada: são processos históricos-sociais-políticos-econômicos se entrelaçando em teias no controle de vidas e direitos de viver e morrer. Michel Foucault nos ajuda a pensar sobre esses processos:

Ora, o direito de vida e de morte é um direito que é estranho, estranho já no nível teórico; com efeito, o que é ter direito de vida e de morte? Em certo sentido, dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político (Foucault, 2005, p. 286).

Os sujeitos e seus corpos, vidas e vitalidades são objeto de interesse de controle, em disputas com o objetivo de exercer poder. Este poder sobre os corpos determina quem pode viver e quem pode morrer, em um estado que se consolida a partir desta biopolítica.

Um conceito que tem sido muito utilizado nas leituras desse momento pandêmico

¹⁰ Na segunda-feira, seis de julho de 2020, foram reabertos os bares, restaurantes e salões de beleza na cidade de São Paulo. REIS, Vivian. Após 104 dias, cidade de São Paulo reabre bares, restaurantes e salões de beleza nesta segunda com restrição de horário. G1.globo, on-line, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/06/apos-104-dias-cidade-de-sao-paulo-reabre-bares-restaurantes-e-saloes-de-beleza-nesta-segunda-com-restricao-de-horario.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2020.

¹¹ O conceito de biopolítica foi cunhado pelo filósofo Foucault conjuntamente com o conceito de Biopoder. O conceito de biopoder “se mostra em sua dupla face: como poder sobre a vida (as políticas da vida biológica, entre elas as políticas da sexualidade) e como poder sobre a morte (o racismo). Trata-se, definitivamente, da estatização da vida biologicamente considerada, isto é, do homem como ser vivente”. Sobre a biopolítica, “esta nova forma de poder se ocupará, então: 1) da proporção de nascimentos, de óbitos, das taxas de reprodução, da fecundidade da população. Em uma palavra, da demografia. 2) Das enfermidades endêmicas: da natureza, da extensão, da duração, da intensidade das enfermidades reinantes na população; da higiene pública. 3) Da velhice, das enfermidades que deixam o indivíduo fora do mercado de trabalho. Também, então, dos seguros individuais e coletivos, da aposentadoria. 4) Das relações com o meio geográfico, com o clima. O urbanismo e a ecologia”, tendo como objeto “o corpo múltiplo, a população, o homem como ser vivente, pertencente a uma espécie biológica”, estudando os “fenômenos de massa, em série, de longa duração”, utilizando os “mecanismos de previsão, de estimativa estatística, medidas globais” e tendo como finalidade a perseguição por um “equilíbrio da população, sua homeostase, sua regulação” (Castro, 2016, p. 57-60).

¹² Em referência a Foucault (2005) e sua aula de 17 de março de 1976, presente no livro Em Defesa da Sociedade, na qual o filósofo trabalha as facetas do biopoder de “fazer viver e deixar morrer” (Foucault, 2005, p. 285).



é o de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe e que se articula com as compreensões acerca das tramas de poderes e controles existentes nas biopolíticas em vigência. O filósofo camaronês propôs a “noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte” (Mbembe, 2018, p. 71), sugerindo também que o “necropoder embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (Mbembe, 2018, p. 71).

Aprofundando o conceito de necropolítica e a pandemia do novo coronavírus, o filósofo Hilan Bensusan afirma que:

A pandemia na qual estamos vivendo é a consolidação de uma nova era na história da morte: a era da necropolítica preponderante. Nela, como em outros momentos, a morte se torna explicitamente parte da atividade e do jogo político - parte do cálculo econômico, mas sobretudo - e nisso reside a novidade -, ela se torna explicitamente parte da articulação biopolítica. O controle das populações deixa de ser limitado pelo estigma do genocídio, pela recusa ao assassinato ou pelo mero direito prima facie à sobrevivência. A sociedade que controla como se vive passa, sistematicamente, a controlar também quem pode ser abandonado à própria (m-s)orte. E não apenas as instituições garantem o direito à sobrevivência e adiam a morte (apenas de alguns): ela investe na dispensabilidade de muitos. As instituições abdicam de procurar adiar algumas mortes e assim, ativamente, passam a antecipá-las (Bensusan, 2020, p. 3).

A pandemia de COVID-19, sobretudo no Brasil, constitui exemplo da necropolítica em pleno vigor: milhares de mortes tomadas como “normais”. Vidas descartadas pela frieza de um estado genocida (des)governado por políticos que banalizam a vida e, também, as mortes, em decorrência do novo coronavírus, produzindo discursos que deslegitimam preocupações com a doença, ao chamá-la de “gripezinha” e “resfriadinho”, e também proferindo falas como “É a vida. Todos nós vamos morrer”, minimizando as mortes, e também “E daí? Lamento. Quer que eu faça o que?”¹³, se esvaindo de compaixão e senso de responsabilidade com seu cargo, na medida em que desarticula e enfraquece medidas de respostas efetivas na contenção do caos pandêmico.

“Quer que eu faça o quê?” Ecoa a pergunta que busca mascarar a responsabilidade do presidente-soberano-genocida, que normaliza dezenas de milhares de mortes no país, que vão se acumulando no passar dos dias, justificando-as como se estas tantas vidas destruídas fossem justificáveis por serem vidas de idosos e pessoas com doenças “crônicas” e pobres e improdutivos e negros e que estavam na hora de morrer e... e... e... e tantas justificativas para o que é injustificável, demonstrando a frieza de uma necropolítica a todo vapor, em meio a um genocídio que se alastra pelo país. Em movimentos contrários à solidariedade e construção de

¹³ Discurso proferidos pelo presidente do Brasil ao longo dos últimos meses e disponíveis na página oficial da UOL no YouTube, construindo no vídeo uma cronologia de suas falas. VEJA falas de Bolsonaro sobre o Coronavírus. [S. l.: s. n], 2020. 1 vídeo (3 min 10). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oegOQ_lakoU. Acesso em: 7 jul. 2020.

medidas que protejam vidas, o Estado e seus soberanos ditam quem pode viver e quem pode - ou deve - morrer.

O filósofo Paul Preciado, conjecturando sobre as necro-bio-políticas implementadas nesta pandemia, faz um apanhado acerca da etimologia do conceito de imunidade. Conjuntamente com Espósito, Preciado movimenta pensamentos:

Roberto Espósito nos ensina que toda biopolítica é imunológica: supõe uma definição da comunidade e o estabelecimento de uma hierarquia entre aqueles corpos que estão isentos de tributos (os que são considerados imunes) e aqueles que a comunidade percebe como potencialmente perigosos (os demuni) e que serão excluídos em um ato de proteção imunológica. Esse é o paradoxo da biopolítica: todo ato de proteção implica uma definição imunitária da comunidade segundo a qual esta se dará a si mesma a autoridade de sacrificar outras vidas, em benefício de uma ideia de sua própria soberania. O estado de exceção é a normalização desse insuportável paradoxo (Preciado, 2020, p. 165-166, tradução nossa).¹⁴

“Corpos demuni” são os sujeitos que merecem morrer. Corpos tidos como descartáveis e perigosos que são deixados à própria sorte, em meio a uma carnificina que já matou centenas de milhares de pessoas no Brasil. Números de mortes que não param de crescer e que, em grande parte, poderiam ter sido evitadas, caso tivéssemos um governo que se posiciona pelo cuidado e preservação da vida. Vivemos um genocídio gigantesco. São milhares de mortes diárias!¹⁵ Vidas assassinadas por um Estado genocida, por um governo que trata a vida como descartável, ao negligenciar políticas mais rígidas de enfrentamento da pandemia. Um governo que dita quem pode viver e quem deve morrer. Nada menos que isso.

Mais que biopolítica/biopoder e necropolítica/necropoder, a socióloga Berenice Bento propõe um conceito que agrega estes outros, na compreensão de um Estado racista e assassino que só existe graças ao seu poder de controlar as vidas e, também as mortes, de fazer viver e também fazer morrer na manutenção de uma governabilidade que, “para existir, precisa produzir interruptamente zonas de morte” (Bento, 2018, p. 3). Assim, a autora constrói o que chama de necrobiopoder:

Um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver (Bento, 2018,

¹⁴ O trecho original está em espanhol: “Roberto Espósito nos enseña que toda biopolítica es inmunológica: supone una definición de la comunidad y el establecimiento de una jerarquía entre aquellos cuerpos que están exentos de tributos (los que son considerados inmunes) y aquellos que la comunidad percibe como potencialmente peligrosos (los demuni) y que serán excluidos en un acto de protección inmunológica. Esa es la paradoja de la biopolítica: todo acto de protección implica una definición imunitaria de la comunidad según la cual esta se dará a sí misma la autoridad de sacrificar otras vidas, en beneficio de una idea de su propia soberanía. El estado de excepción es la normalización de esta insoportable paradoja”.

¹⁵ Na semana de escrita da primeira versão deste parágrafo, o Brasil registrava por vários dias consecutivos a marca de mais de mil mortes diárias em decorrência da COVID-19, segundo o site UOL. UOL SP. Coronavírus: Brasil passa de mil mortes pelo 5º dia consecutivo e supera 64 mil. UOL, on-line, 4 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/04/coronavirus---COVID-19-casos-e-mortes-4-de-julho.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

p. 7).

Necrobiopoder que gera uma necrobiopolítica e um Estado racista que tenta “mascarar” o número de mortos¹⁶, “desmascarar” os vivos¹⁷, na medida em que comemora os que sobrevivem¹⁸ à doença. Um Estado no qual “o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida” (Bento, 2018, p. 14), e assim vem se construindo a partir de sangue e cadáveres indígenas e negros e pobres e LGBT+s e femininos e gordos e idosos e doentes “crônicos” e...

Escrever esta história coberta de sangue é lembrar de outros genocídios que aconteceram na história. Um em que o sangue continua quente e escorrendo é relacionado à pandemia de HIV/aids: pandemia que levou a óbito cerca de 32 milhões de pessoas no mundo¹⁹, e continua a matar milhares de pessoas por ano no Brasil²⁰, mesmo atualmente existindo tratamentos eficazes que permitem que as pessoas infectadas pelo vírus sejam saudáveis e tenham qualidade de vida. O interesse deste texto não é traçar proximidades e analisar as conexões entre a pandemia de HIV/aids e a de COVID-19, tema que possibilitaria extensas análises e a escrita de outros artigos. O que queremos enfatizar acerca das necro-bio-políticas é que se apropriam de contextos pandêmicos, ao indicar quais corpos podem viver e quais devem morrer. O corpos-que-devem-morrer, no caso do HIV/aids, eram e são os corpos homossexuais, transexuais, travestis, usuários de drogas, prostituídos, hemofílicos, negros, pobres; com a COVID-19 são os corpos idosos, com doenças tidas como “crônicas”, obesos e, novamente, negros e pobres.

Estes corpos são diversas vezes rotulados como “grupos de risco”, termo médico que participou da construção de estigmas que perduram décadas em relação ao HIV/aids, assolando alguns grupos sociais, como os gays, transexuais/travestis, hemofílicos, usuários

¹⁶ No dia cinco de junho o Ministério da Saúde retirou do ar a contagem de óbitos pela pandemia do novo coronavírus, divulgado por diversos jornais como o ISTOÉ. ANSA. Ministério da Saúde tira portal com dados sobre Covid do ar. ISTOÉ, on-line, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/ministerio-da-saude-tira-portal-com-dados-sobre-covid-do-ar/>. Acesso em: 8 jul. 2020.

¹⁷ Preconceituosamente, o presidente diz que “máscara é coisa de viado”, desincentiva seu uso diversas vezes e retira a proteção no dia sete de julho de 2020, mesmo com confirmação de seu estado em infecção ativa pelo novo coronavírus durante entrevista, colocando os jornalistas em risco, indo na contramão de estudos científicos e de recomendações da Organização Mundial da Saúde. Cf. BERGAMO, Mônica. Máscara é ‘cosia de viado’ dizia Bolsonaro na frente das visitas. Folha de São Paulo, on-line, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml>. Acesso em: 8 jul. 2020; UOL SP. Bolsonaro tira a máscara em coletiva após confirmar diagnóstico de COVID-19. UOL, on-line, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/07/bolsonaro-tira-a-mascara-em-coletiva-apos-confirmar-diagnostico-de-COVID-19.htm>. Acesso em 8 jul. 2020.

¹⁸ Nas redes sociais do Ministério da Saúde comemora-se diariamente o número de “sobreviventes” da COVID-19, como se fossem um troféu os que não perdem suas vidas pela política mortífera estatal. No dia oito de julho de 2020 comemorou-se na página oficial do órgão estatal no Instagram, comicamente, o número de um milhão de “curados” pela doença, na medida em que se “mascara” os mais de 68 mil mortos. Quem pode viver e quem deve morrer em silêncio? MINISTÉRIO DA SAÚDE. Já somos mais de recuperados da COVID-19 no Brasil. Brasília, 8 jul. 2020. Twitter: @minsaude. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCZkAspg9z4/>. Acesso em 8 jul. 2020; BRASIL chega a 68 mil mortes por COVID-19, mostra consórcio de imprensa. Folha de São Paulo, on-line, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/brasil-chega-a-68-mil-mortes-por-COVID-19-mostra-consorcio-de-imprensa.shtml>. Acesso em: 08 jul. 2020.

¹⁹ Dados coletados no site da UNAIDS Brasil Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/#:~:text=Mortes%20relacionadas%20C3%A0%20AIDS&text=Em%202018%2C%20cerca%20de%20770.000,%2C6%20milh%C3%A3o%5D%20em%202010>. Acesso em 7 jul. 2020.

²⁰ Segundo o site do Ministério da Saúde 10,9 mil pessoas morreram em decorrência de complicações da infecção do HIV/aids em 2018 Disponível em: <https://saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46095-135-mil-brasileiros-vivem-com-hiv-e-nao-sabem#:~:text=O%20Brasil%20conseguiu%20evitar%202,no%20Brasil%20e%20n%C3%A3o%20sabem>. Acesso em 7 jul. 2020.



de drogas injetáveis e prostitutas, e levando à compreensão de que as pessoas que não se encaixassem nesses grupos estavam imunes ao vírus, história que se repete agora com a pandemia de COVID-19. Corpos tidos como “grupos de risco” são, de fato, corpos que são vulnerabilizados às epidemias, mas jamais podem ser compreendidos como os únicos por elas passíveis de serem infectados - e até levados a óbito. Tal equívoco se revela na constatação do grande número de heterossexuais e mulheres cisgêneras infectados pelo vírus HIV21 e de jovens sem doenças pré-existentes e outros agravantes que se encontram em estado grave pela COVID-19.

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos afirma, em relação à vulnerabilidade em contextos pandêmicos:

Os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico. Os seus corpos estão à partida mais vulnerabilizados pelas condições de vida que lhes são impostas socialmente pela discriminação racial ou sexual a que são sujeitos. Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões, etc. Realizam tarefas que envolvem mais riscos, quer porque trabalham em condições que não lhes permitem proteger-se, quer porque são cuidadoras da vida de outros que têm condições para se proteger. Por último, em situações de emergência as políticas de prevenção ou de contenção nunca são de aplicação universal. São, pelo contrário, selectivas. Por vezes, são abertas e intencionalmente adeptas do darwinismo social: propõem-se garantir a sobrevivência dos corpos socialmente mais valorizados, os mais aptos e os mais necessários para a economia. Outras vezes, limitam-se a esquecer ou negligenciar os corpos desvalorizados (Santos, 2020, p. 26-27).

Pensar em necro-bio-políticas é pensar em políticas de racismo de Estado que negligenciam e fazem morrer estes corpos desvalorizados que se encontram em maiores vulnerabilidades. Foucault afirma que esse é “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (Foucault, 2005, p. 73), um “racismo biológico e centralizado” (Foucault, 2005, p. 96) que deu força para grandes genocídios, como o nazismo.

Este mesmo racismo de Estado é o que permite o assassinato em massa da população

²¹ Segundo o boletim epidemiológico de 2019, produzido pelo Ministério da Saúde, as infecções do HIV no período de 2007 a 2019, em indivíduos heterossexuais, consistiram em 31,4% dos homens e 85,8% das mulheres. Cf. BRASIL. Boletim Epidemiológico: HIV/Aids I 2019. Brasília: Ministério da Saúde, 2019a. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>. Acesso em: 24 nov. 2020. Segundo o site das Nações Unidas, a AIDS “é a principal causa de morte de mulheres em idade reprodutiva no mundo”. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/aids-ainda-e-a-principal-caoa-de-morte-de-mulheres-em-idade-reprodutiva-no-mundo/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

pobre e negra, seja por tiroteios nas periferias das grandes cidades²², na precarização e negligência de tratamentos da aids²³ ou pelos tantos outros fatores que levam a uma porcentagem maior de mortes de negros do que brancos, assim como os óbitos pela COVID-19 serem maiores em hospitais de cidades mais pobres do que mais ricas²⁴. Racismo de Estado que normaliza a morte dos corpos demuni, carnes-mais-baratas-do-mercado²⁵: carne negra, LGBTQ+, pobre, soropositiva, gorda, idosa, diabética, hipertensa, aposentada, com deficiência. Carne que preenche corpos que enfrentam a estrutura arbórea²⁶ perversa do Estado em resistências diárias e que também o movimenta – porém, no momento em que essas vidas não são tidas mais como produtivas e correspondentes aos interesses estatais, são descartadas.

Por entre mortes, lutos e racismos, percorre-se territórios de banalização da morte e insensibilidade-com-o-outro. Em uma noite, sete dias após a morte de Wisley, 5540 pessoas infectadas pelo coronavírus, mais de 80 mortes²⁷ confirmadas em nossa cidade e nela restando apenas dois leitos de UTI desocupados²⁸ – cidade que tem mais de seiscentos mil habitantes e ainda recebe pacientes das cidades próximas – é possível escutar barulhos de uma festa²⁹. Inacreditavelmente, na madrugada de um dia crítico da pandemia na região, que já se encontra praticamente sem leitos de UTI e respiradores livres para pacientes em situação grave com as últimas chances de recuperação da COVID-19, caso precisem, é possível escutar uma festa de aniversário. O que comemoravam naquele dia? As mais de 50 mil mortes no país até então, causadas pela pandemia? Comemoravam a necro-bio-política, o racismo de Estado?

²²O jornal The New York Times relata que no ano de 2019 ocorreu “um número recorde de homicídios cometidos pela polícia no Rio”, deixando 1.814 mortos, e trazendo diversas histórias de mortes nas periferias. ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto. ‘Licença para matar’: por trás do ano recorde de homicídios cometidos pela polícia no Rio. The New York Times, on-line, 18 maio 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/05/18/world/americas/rio-abuso-policial.html>. Acesso em: 7 jul. 2020.

²³Segundo o site das Nações Unidas, a “população negra representou um total de 58,2%” dos óbitos pela infecção do HIV e pela aids. Também afirmou que “na cidade de São Paulo, também em 2015, enquanto a taxa de mortalidade por causas relacionadas à AIDS entre brancos foi de 5,4 (por 100 mil habitantes), entre pretos foi de 10,9 (por 10 mil habitantes)”. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/racismo-agrava-riscos-da-populacao-negra-associados-ao-hiv-alerta-programa-da-onu/>. Acesso em 07 jul. 2020.

²⁴Segundo um estudo divulgado no site UOL, o “Covid mata 55% dos negros e 38% dos brancos internados no país”, e segundo Emanuelle Góes, doutora em Saúde Pública, professora e pesquisadora da UFBA (Universidade Federal da Bahia), “Negras e negros sofrem o impacto do racismo estrutural, e com isso apresentam os piores indicadores sociais e de saúde. Neste sentido o cenário já é desfavorável”, podendo agravar suas vulnerabilidades. O coordenador do NOIS (Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde), Sílvio Hamacher, traz que “As chances de morte pela COVID-19 em hospitais em municípios de IDH médio é de 64,3%, enquanto que nos municípios com o IDH mais elevado cai para 32,9%. A diferença é ainda maior em relação à escolaridade: as chances de morte para uma pessoa sem escolaridade [71,3%] são quase três vezes maiores que para pacientes com nível superior [22,5%]” MADEIRO, Carlos. Covid mata 55% dos negros e 38% dos brancos internados no país, diz estudo. UOL Notícias, on-line, 2 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/02/covid-mata-54-dos-negros-e-37-dos-brancos-internados-no-pais-diz-estudo.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²⁵Inspirado na música A Carne, gravada por Elza Soares. A CARNE. Intérprete: Elza Soares. Compositores: Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti. In: *Do Cócix até o Pescoço*. Intérprete: Elza Soares. [S.l.]: Maianga discos, 2002. 1 CD, faixa 6.

²⁶A árvore, para Deleuze e Guattari (1995), é um sistema hierárquico que busca sempre a unidade e a ordem, aniquilando a multiplicidade e a diferença. “Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 23-24).

²⁷Até o período em que realizou-se as últimas edições deste artigo, o número de mortos em decorrência da COVID-19 na cidade de Uberlândia, MG, aumentou cerca de 28 vezes em relação a este momento de primeiras escritas que ocorreu em junho de 2020, atingindo a triste marca de 2288 mortos e 92140 casos confirmados na cidade, em 19 de maio de 2021, segundo o boletim epidemiológico municipal disponibilizado no site oficial da prefeitura de Uberlândia, MG <https://www.uberlandia.mg.gov.br/coronavirus/boletim-municipal-informe-epidemiologico/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

²⁸Segundo informações da Prefeitura Municipal de Uberlândia referentes ao dia 22/06/2020, divulgadas no site oficial da prefeitura. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/coronavirus/boletim-municipal-informe-epidemiologico/>. Acesso em: 7 jul. 2020. E na página oficial da prefeitura no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBwG3T9gv-X/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

²⁹Festa realizada por vizinhos do primeiro autor.



Comemoravam a morte na ilusão ou cinismo de celebrar a vida?

Em meio a barulhos obscuros de comemorações fúnebres, escuta-se um silêncio ensurdecedor: o silêncio da negligência em relação à situação epidemiológica brasileira que consiste em um extermínio, uma carnificina, um genocídio gigantesco. Um silêncio pelos olhos fechados, pelas aglomerações, pela insistência das pessoas e empresas e empresários e prefeituras e estados, ao não buscar alternativas para evitar contatos físicos e contágios do vírus. Diversas atividades não conseguem se adaptar, para continuar à distância, mas uma grande resistência ao isolamento, à máscara, proteção e compreensão da pandemia se instalou no país, provavelmente inspirados e se fortalecendo nos “e daí?”, “é só uma gripezinha” e “todo mundo morre mesmo” acima citados. Lembramos, em mais uma conexão com a epidemia de HIV/aids, que Silence = Death, ou Silêncio = Morte, como protestavam e ainda protestam os movimentos ativistas em defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/aids e, em especial, o ACT UP³⁰.

Pelo silêncio, recordamos a dor do luto em um tempo de pandemia, da impossibilidade de velar e sequer de reconhecer um pai antes de enterrá-lo, recebendo seus objetos pessoais lacrados e não podendo neles mexer por semanas, vivendo um luto sem calor humano pelos contatos físicos, povoado por medos, estigmas, preconceitos-virais. São territórios de desumanização, captura-dos-corpos pelo Estado e pela medicina, que tratam os sujeitos como corpos-orgânico-descartáveis. Ao falar da morte na pandemia, Bensusan parece narrar essas experiências:

Cadáveres sem funeral, sem rosto, sem velório, sem liturgia - a produção anônima de cadáveres. Cadáveres tratados como um output econômico negativo, que precisa ser ocultado ou rebalanceado - e rapidamente. Assim é a morte no meio da pandemia. A era da banalização da morte é a era em que um número sem precedentes de espécies de vida - humana e não-humana - desaparece a cada ano. Há uma insensibilidade acelerada acerca da morte; se ela se tornasse algum divisor de águas, ela faria parar tudo, como em um ritual fúnebre. Ela não deixaria as populações indiferentes ao entorno, que é um cemitério geral; à sua vizinhança, que é um abatedouro cósmico. A insensibilidade, junto com o exorcismo de toda garantia e segurança que provenham do empenho que produz cidadania, é insumo para a necropolítica escancarada. Com uma quantidade de insumos suficiente, a nova era política da história da morte chega arrebatadora (Bensusan, 2020, p. 8).

Bensusan (2020) narra essas histórias: histórias de um corpo-em-luto em meio a uma pandemia, a necro-bio-políticas, a processos de descaracterização da vida. Ele narra, analisa e pensa nas histórias de tantos outros que estão em luto neste período de banalização

³⁰ Eduardo Jardim (2019), conta sobre o ACT UP, sua criação em 1987 e suas conquistas: “um pequeno círculo se formou em Nova York, reunindo-se todas as segundas-feiras à noite, com o objetivo de providenciar suporte material e psicológico para a população doente. Em seguida, foram criados meios de forçar o governo e os laboratórios farmacêuticos a acelerar a produção e a comercialização de medicamentos. Àquela altura, a única droga disponível era o AZT, extremamente tóxica e nem sempre eficaz. Seria preciso esperar mais dez anos pela liberação de novos remédios. Por este motivo, os dois lemas da organização foram: Silêncio = Morte e Remédios em nossos corpos” (Jardim, 2019, p. 24).

da vida, além dos outros-e-outros-e-outros que morreram e morrem a cada minuto³¹ por meio deste genocídio-viral. Traçamos aqui cartografias de corpos-vivos-em-luto-em-meio-a-uma-pandemia-e-que-buscam-resistir: resistir como sinônimo de sobrevivência, de mudar os territórios, de escapar.

Escapar-do-território-pandêmico, escapar-no-território-pandêmico. territórios permeados por lutos, traçados por linhas tênues que separam vida e morte. Mas não pense que são territórios rígidos e imutáveis: territórios que estão em constante transformação, tensão-de-disputa em movimentos de desterritorialização, territorialização e reterritorialização. Assim, nos colocamos em movimento, embrenhando à procura de brechas: “escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 19).

Escapar? Pensando em linhas de fuga para resistir

Tenho a náusea física da humanidade vulgar, que é, aliás, a única que há. E capricho, às vezes, em aprofundar essa náusea, como se pode provocar um vômito para aliviar a vontade de vomitar (Pessoa, 2019, p. 48).

Forçar o vômito, expurgar, desintoxicar do veneno da marca-ferida. Processar o luto em suas velocidades, em lentidões, time after time³², um dia após o outro. Olhar de frente a morte que se coloca constantemente perante a vida. Escapar?

Escapar como fuga, vida e resistência. Diálogos com Sílvio Gallo e Renata Aspis, que ao analisarem as duras estruturas da educação escolar, pensam também em formas de “escapar: criar novas formas de subjetividade, resistência” (Gallo; Aspis, 2011, p. 174). Resistência, em um contexto de pandemia e necro-bio-políticas, torna-se sinônimo de sobrevivência, de manter-se vivo. Assim, nos jogamos na procura de escapar da despotencialização que ocorre a todo momento pela propagação do vírus Sars-Cov-2, pelas necrófilas políticas-virais de um Estado racista, pelo vírus-medo que paralisa, sucumbe e esgota os corpos que lutam para viver. Despotencialização decorrente do constante confronto com a iminência da morte, da tensão ocasionada pela proximidade com políticas mortais, da instabilidade político-partidária, das altas taxas de desemprego, das incertezas e... e... e...³³ como escapar?

Escapar fazendo rizoma³⁴, em linhas de fuga: linha geradora de multiplicidades, caminho

³¹ A Folha de São Paulo noticia que “Coronavírus mata mais de uma pessoa por minuto no Brasil” no dia quatro de junho de 2020 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/coronavirus-mata-mais-de-uma-pessoa-por-minuto-no-brasil.shtml>. Acesso em 9 jul. 2020.

³² Inspirado na música Time After Time, gravada por Cyndi Lauper em 1983. TIME after time. Intérprete: Cyndi Lauper. Compositores: Cyndi Lauper e Rob Hyman. In: She’s so unusual. Intérprete: Cyndi Lauper. [S.l.]: Epic Records, 1983. 1 LP, faixa 2.

³³ Inspirado em Deleuze e Guattari: “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 36).

³⁴ Outro trabalho em que exploramos o conceito de rizoma é Sales, Lourenço e Estevinho (2020).

para desestruturar sólidas hierarquias e políticas impostas, tendo a potência de desterritorializar antigos territórios. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 31):

O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.

Rizoma, em oposição ao paradigma arbóreo-hierárquico-linear, é desterritorializar, criar conexões, buscar brechas e, quando não as encontrar, fazê-las. Não existe receita nem caminho pronto para escapar: escapar é um caminho que acontece sempre no meio. Escapar como caminho sem começo nem fim, em conexões descontínuas: fugas a partir dos “e... e... e...”. Escapar sabendo do risco constante de ser recapturado. “Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito”, consciente que existem “microfascismos sempre à espera de cristalização” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 17). Microfascismos que habitam em nós, em nossas relações, nas políticas de subjetivação que somos constantemente submetidos. Rizomar em linhas de fuga dos microfascismos?

Para escapar devemos ter “atenção para o sangue sobre o chão” - atenção para as necro-bio-políticas - sabendo também que “é preciso estar atento e forte” pois “não temos tempo de temer a morte”³⁵. Assim, “seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas. Conjuguar os fluxos desterritorializados” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 19). Escapar com atenção às políticas mortíferas que nos rondam, ao sangue que jorra pelo chão, às necro-bio-políticas.

Viver-na-pandemia é viver-na-incerteza (in)constante: para sobreviver torna-se necessário abandonar as seguranças, visto que “o surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro” (Santos, 2020, p. 6). Ficamos frente a frente, a todo momento, com o que Boaventura nomeia de “a fragilidade do humano” (Santos, 2020,

³⁵DIVINO, MARAVILHOSO. Intérprete: Gal Costa. Compositores: Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: GAL Costa. Intérprete: Gal Costa. [S.l.]: Phonogram/Philips, 1969. 1 LP, faixa 8.

p. 5) e diante desta característica vital, não tem como escapar. A linha de fuga pode ser em direção a refletir sobre essa fragilidade e buscar forças para resistir e re-existir, em movimentos de renovação, em devires.

Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas. [...] Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. [...] Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10).

Criar um devir-fênix³⁶: renascer das cinzas. Germinar vida a partir do luto, do confronto, da morte, da fuga, da arte, da literatura, da ciência, da filosofia, dos encontros... Embrionar novos mundos em meio às incertezas e aprender formas outras de passar, devir-ave, passar-passarinhar. "O mundo vive efetivamente em nosso corpo e nele produz germes de outros mundos em estado virtual" (Rolnik, 2018, p. 55). Assim, criar novos mundos ao fazer como o cartógrafo, dando vazão e "língua aos afetos que pedem passagem" (Rolnik, 2011, p. 23): germinar novos mundos cartografando processos, adentrando nas intensidades. Escapar ao tomar cuidado para que o ódio e o ressentimento não interrompam a germinação de novos mundos,³⁷ nos colocando em movimentos, em devires-fênix em meio as cinzas de tantos momentos difíceis e carregados de tensão.

Momentos de tensão, "períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbi" (Rolnik, 2018, p. 25). Na tensão entre vida e morte surgem potências de despertar-escapar por entre gritos de realidade.

Pensar, como Rolnik, em "estratégias de sobrevivência desejante que se inventam para neutralizar o veneno" (Rolnik, 2011, p. 16). Estratégias de sobrevivência que ganham força quando acontecem em bandos, em movimentos coletivos. Escapar-resistir nos encontros torna-se necessidade-vital: encontros a distância, afetos compartilhados por telas, solidariedades que abraçam com os olhos, que acolhem com palavras, que permitem esperar. Encontros geradores de potências, compartilhando sorrisos e lágrimas por distâncias físicas e proximidades afetivas.

Escapar pelas máscaras. Cuidar de si e do outro, barreira física que permite proximidades. Ao escapar pelas máscaras, o resistir acontece ao criar sorrisos outros: sorrir pelos olhos, sendo estes órgãos a conexão humana neste momento outro. Chorar, abraçar, sorrir e se acolher pelos olhares.

Mas seria possível escapar à morte e ao medo-da-morte e do desconhecido?

Se considerarmos que a essência da vida consiste em diferenciar-se, podemos dizer que conquistar uma certa capacidade de acolher o estranho, ou seja, de apreender-viver a existência em seu construtivismo,

³⁶Também nos aprofundamos no "devir-fênix" em Sales (2020).

³⁷Inspirado em Rolnik (2018, p. 75) em seu subtítulo "Quando o ódio e o ressentimento interrompem a germinação de um novo mundo".

é uma condição fundamental para a efetuação da vida. Da amplitude desta capacidade de acolher o estranho-em-nós, depende o vigor com que a vida se afirma em nossa existência (Rolnik, 1993a, p. 37).

A morte faz parte da vida: caminha lado a lado conosco a todo momento, como possibilidade, caminho sem volta, direção única de certeza que existe em nossas existências. Acolher a morte é “acolher o estranho-em-nós”, como afirma Rolnik (1993a, p. 37). Neste texto, a autora reflete acerca da morte de Félix Guattari, contando a história de uma dama de negro que o filósofo sonhou diversas vezes, que causava medo e insônia, a partir dos pesadelos. Certo dia, o irmão de Guattari sugere que ele utilize um fuzil para enfrentar e se defender da figura medonha, caso ela retornasse. Assim feito, ela desapareceu, até que um certo dia retornou... Em meio a estas narrativas, Rolnik usa a “dama de negro” como possibilidade de pensar a morte:

Suponho que jamais seja possível receber a dama, tranquilamente, e, muito menos, despistá-la, definitivamente: penso que a dama só dê sossego mesmo na morte, quando com ela nos fundimos. Provavelmente, não dá para ser de outro jeito e, aliás, nem é para esperar que desse, se pensarmos que aquele jogo perigoso e sutil de aproximá-la sem deixar-se aniquilar pelo terror, é o próprio motor da vida: quando pára aquele jogo, é que a vida se acabou. E se é assim, armar o fuzil não implica livrar-se deste jogo, mas apenas conseguir jogá-lo: ir ampliando a capacidade de enfrentar a angústia e de acolher o estranho. Fico imaginando que o que se alcança com isto é, simplesmente, poder sentir o gosto raro de uma certa suavidade... (Rolnik, 1993a, p. 38).

Armar o fuzil para escapar e seguir jogando: não negar a morte, mas estar atento e forte³⁸. Seguir jogando com a consciência da fragilidade-da-vida: fragilidade que nos acompanha a todo momento, ressaltada no contexto de pandemia: a morte fica cada vez mais próxima. Ter consciência da morte e seguir jogando na luta pela vida não é negar as perversas necro-bio-políticas: a morte é um processo que faz parte do viver, mas é utilizada como forma de exercer poder e controle dos corpos. Se armar é ter consciência destes processos e pensar, construir e lutar por rotas de fuga diárias, construir saídas, escapar... escapar para a vida!

Viver - o luto, a pandemia, a dor e a delícia³⁹ – na procura por brechas que permitam pensar em mundos outros, pensar em multiplicidades.

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades. A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche

³⁸ Inspirado na música Divino Maravilhoso, composição de Caetano Veloso e Gilberto Gil, gravada por Gal Costa no seu álbum lançado em 1968. DIVINO, MARAVILHOSO. Intérprete: Gal Costa. Compositores: Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: GAL Costa. Intérprete: Gal Costa. [S.l.]: Phonogram/Philips, 1969. 1 LP, faixa 8.

³⁹ Inspirado na música Dom de Iludir, de Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. DOM de Iludir. Intérprete: Caetano Veloso. In: TOTALMENTE demais. Intérprete: Caetano Veloso. [S.l.]: Philips Records, 1986. 1 LP, faixa 11.

efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões (Deleuze; Guattari, 1995, p. 16).

Existem estratégias infinitas para escapar-e-resistir, rizomando nas procuras e conexões de linhas de fuga. Ir do luto à luta como resistência e preservação da vida. Infectar os cotidianos pandêmicos com vírus-outros. Um contravírus?

Desvio, pequeno movimento, que seja, de devir. Devir outro e outro, sem cessar, devir, devir, devir-monstro, criar os possíveis, multiplicidade de possíveis, ocupar o espaço turbilhonarmente, revolvendo o uno, em espiral, sem linearidade progressiva de pares de opostos. Em bandos, como vírus, também como vírus: contravírus (Gallo; Aspis, 2011, p. 178).

Um contravírus para escapar e infectar-se pela escrita e palavra e ação e diálogo e canção e encontro e... viver, sempre no meio, espaço de movimento, força e potência. Cartografar diariamente os processos que nos envolvem, em um devir-ave, devir-fênix, e também devir-coruja: ter olhos-de-coruja, observar para todos os lados em meio a escuridão, atento, desperto. Olhos-de-coruja para a vida, as "damas da noite" e do dia, para as estruturas arbóreas, as necro-bio-políticas, as tentativas de capturar nossos corpos, sempre atento para brechas que permitam escapar, rizomar, construir linhas de fuga e fugir, fugir e fugir em criações de novos mundos, desestruturando os mundos antigos, aprendendo e construindo novas possibilidades de passar. Escapar sonhando curas, desejando vacinas, contaminando-se em vida e esperando em forças. Escapar não como covardia, mas como enfrentamento: fuga em acontecimentos-virais, na criação de formas outras de existências, resistências e re-existências.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. *Pequenas Epifanias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 240 p.

BENSUSAN, Hilan. "E daí? Todo mundo morre": a morte depois da pandemia e a banalidade da necropolítica. *#PandemiaCrítica*, N-1 Edições, on-line, n. 105, jun. 2020. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/6>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, e185305, jun. 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530005>.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 480 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1991. 288 p.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1. 128 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4. 200 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. 180 p.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 269 p.

GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata Lima. Biopolítica-vírus e educação-governamentalidade e escapar e... *Revista de Estudos Universitários, Sorocaba*, v. 37, n. 2, p. 167-179, dez. 2011.

JARDIM, Eduardo. *A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 80 p.

MBEMBE, Achille. *NECROPOLÍTICA: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 71 p.

PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Organização Carlos Felipe Moisés. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2013. 160 p.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. 2ª ed. Jandira: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2019. 364 p.

PRECIADO, Paul. Aprendiendo del vírus. In: AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia*. [S. l.]: ASPO, mar. 2020. p. 163-185.

ROLNIK, Suely. A Morte de Félix Guattari. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 35-40, mar. 1993a.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993b.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2011. 247 p.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SALES, Tiago Amaral. *Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo*. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, [S. l.]*, v. 13, n. 2, p. 466-482, 2020. DOI: 10.46667/renbio.v13i2.358. Disponível em: <http://sbenbio.journals.com.br/index.php/sbenbio/article/view/358>. Acesso em: 19 dez. 2020.

SALES, Tiago Amaral; LOURENÇO, Keyme; ESTEVINHO, Lucia de Fátima Dinelli. *Escavando o rizoma: devires a partir de uma filosofia-vegetal*. *Alegrear (Campinas)*, v. 1, p. 271-282, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32 p.

Recebido em: 23 de setembro de 2020
Aprovado em: 19 de dezembro de 2020

